

Retrospectiva de Charoux no Museu de Arte Moderna

GERALDO FERRAZ

Dentre os pintores que em 1947, apresentávamos na Galeria Prestes Maia, em São Paulo, sob os auspícios da União Cultural Brasil-Estados Unidos, estava Lothar Charoux — era um dos "19 pintores", os jovens que surgiam, depois da segunda guerra mundial, para trabalhar em sua arte. Na inscrição final do prefácio, escrevíamos, contrariando o verso de Dante: "Juntai vossas esperanças oh vós que entráis".

Então agora na grande retrospectiva Charoux, é a verificação mais uma vez, que nos oferece o Museu de Arte Moderna de São Paulo, de que algumas das esperanças convocadas realizaram a expectativa aberta. Doutra vez, foi no MAM, a retrospectiva de Marcelo Grassmann, aliás, presente nestas paredes o gravador notável no retrato que dele fez Charoux... E os que conhecem Charoux, sem terem visto esta retrospectiva, podem se assustar: um retrato assinado por Charoux? Porém, precisamente, tem a retrospectiva essa qualidade demonstrativa. Evoca-nos os tempos em que o artista era figurativo. Precisamente, na esquina do tempo de 1947, já citada, entre o quadro "Janela", daquele ano, e a "Abstração", óleo sobre papelão de 1948, vai a modificação que faz surgir Charoux, sem dúvida alguma, "tout court".

Donde então, temos de referir-nos à pré-história deste artista, antes de 1947-48 e depois, quando começou sua pesquisa sem fim, sua perquirição obsessiva, no rumo aberto pelo ensinamento de Kandinsky, em sua abordagem do "método analítico levando em conta os valores sintéticos", quais foram colocadas as soluções no volume da Bauhaus "O ponto e a linha diante do plano". Lothar Charoux, a certa altura de seu desenho ilustra, precisamente, o tema "A Linha e o Ponto", pois no espaço do desenho 88 resume-se, desnudamente, a isto. Linha e ponto diante do plano. Esse espaço em que se desenvolve, pela continuação do desdobramento, uma seriação ativa de "alternâncias musicais", referências com que o artista denominará alguns trabalhos.

Então, dos que correram o risco, mais do que nunca encontramos na longa aventura vivida por Charoux, essa pertinente busca para fazer das formas geométricas uma linguagem, em que os prismas, na formulação do círculo e do quadrado e suas distensões, chegam à sintaxe cinética, sem abandonar a evanescência musical das alternâncias, já assinalada, mas enriquecida por variações, que é o meio de que lança mão para enganar os que julgam seu esforço invalidado na repetição. Eletivamente, é uma multiplicação de temas a que surge dos traços que chegam a vibrar, a ressoar, quando não se contêm dentro da rígida formulação e incorporam a sonoridade nas modificações, ou ganhando densidade ou se afastando no desfazer-se da perdição no fundo negro.

Correu o risco até chegar ao desequilíbrio aparente, que ele tenta recompor depois em seriação, nos seus "equilíbrios restabelecidos", que pluralizamos, para que se tenha uma idéia inteira da posição assumida.

O ponto de rutura jamais chega para Charoux — e tanto não chega que ironicamente ele o demonstra, nos quadros de suporte colocado tortamente na parede, porquanto elaborara no conteúdo a formulação exata do horizontal indiscutível, tornando então evidente que a angulação não importa para a linha.

Entre os desenhos a branco e preto, esta pintura feita quase sempre sobre fundo negro, mas em que a linha marca a força imprescritível do jogo, Charoux adotou algumas cores que servem de reforço vibrante à musicalidade combinada com a cinética. Este reforço vibrante é que nega o concretismo, e dá uma ressonância sensual às pensadas esferas, às circunvoluções da linha imaginada, nem posta no plano, mas evidentemente manejada, abstratamente, como a perquirição insistente o ensejou.

Então estamos em que vale a retrospectiva, e vale tanto que os projetos de ladrilhos aí estão em sua pureza de sugestibilidade, quase dando notícias gregas na poesia do arabesco. O panorama aberto por Charoux nos indica as possibilidades realizadas dessa busca ardente, e complexa, em sua economia de meios, para atingir estes retângulos, firmemente, em uma linguagem de silêncio, muitas vezes deixando entretanto filtrar-se a surdina da antemanhã.